RESENHA: MARTINS, Elizabeth Dias. *Do fragmento à unidade: a lição da gnose almadiana*. Fortaleza: EDUFC, 2013. 229 p.

Mary Nascimento da Silva Leitão¹

Elizabeth Dias Martins possui mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/ Rio). Além de crítica e ensaísta, atualmente é professora associada do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará e atua no Programa de Pós-Graduação em Letras/Literatura. É pesquisadora do Grupo de Estudos de Residualidade Literária e Cultural (GERLIC), do Departamento de Literatura da UFC. Coordena o projeto de extensão “Verso de Boca”, grupo de performance poética da mesma universidade em que leciona. Membro do GT de Estudos Medievais, da Associação Brasileira de Estudos Medievais e da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa – ABRAPLIP. Uma de suas principais produções foi o livro de ensaio *Rastros de Érato e Clio: seis canônicos portugueses* (2001). Dentre as últimas publicações está o livro intitulado *Do fragmento à unidade: a lição da gnose almadiana*. Considerando ser a obra de Almada Negreiros de grande expressividade, mas ainda pouco estudada, faz-se necessário divulgar o trabalho de Martins, cujo foco leva-nos e refletir acerca da peculiaridade dos textos almadianos que se destacam e divergem, até certo ponto, do contexto em que esteve incluso.

Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros destacam-se como a principal tríade do Modernismo Português, inseridos em um dos mais significativos movimentos ocorridos na época: o grupo de *Orpheu*. Fernando Pessoa foi o mais propagado, fato que contribuiu para que Elizabeth Dias Martins tenha escolhido os textos de Almada Negreiros como objeto de estudos, já que este, sendo bem mais polivalente do que o autor de *Mensagem*, ainda não teve sua obra amplamente explorada.

“Poeta, contista, romancista, teatrólogo, ensaísta, ilustrador de ‘comics’, pintor, desenhista, arquiteto, matemático, conferencista, ator, agitador cultural, fotógrafo, modelo fotográfico, cenarista e cineasta” (p. 11), Almada dividiu-se em diferentes modos de expressão artística. Martins parte dessa ideia para mostrar que, mesmo tendo essa rica multiplicidade artística, Almada Negreiros demonstrou em sua obra a “inteireza do seu ser”,

¹ Doutoranda em Letras pelo Universidade Federal do Ceará.

a busca pela unidade, a qual foi estudada na obra em análise a partir dos conceitos de “intrassubjetividade” [sic] e “intersubjetividade”. Isso, segundo a autora, torna-se peculiar diante das produções de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, as quais focaram a fragmentação, seja múltipla ou simplesmente dupla, aos moldes de cada autor.

Elizabeth Dias Martins, ao tecer acerca do “roteiro de gnose e de aprendizagem alternativo” (p.16), identificada na obra de Negreiros, destaca, de forma relevante, a *residualidade literária e cultural*² presente na obra de alguém que se considerava “Futurista”. Esse aspecto se torna curioso por se tratar de um expressivo autor do Modernismo Português.

Destarte, *Do fragmento à unidade: a lição da gnose almadiana* foi organizado em cinco capítulos: 1. No Limiar de um Percurso; 2. O Modernismo Português: reflexo literário da crise do homem moderno; 3. Intrasubjetividade [sic] e Intersubjetividade: as vias do conhecimento; 4. O tecido de Fragmentos é Igual à Unidade: uma leitura de Nome de Guerra; 5. Fechando o trajeto. Abordaremos, a seguir, uma visão geral acerca de cada um deles.

“No limiar de um percurso” é o capítulo introdutório, no qual a autora apresenta, de modo sucinto, todos os tópicos a serem abordados na obra. No segundo, faz um expressivo apanhado histórico acerca da “fragmentação do ser” da Idade Antiga à Idade Moderna. A estudiosa passeia pela História de Portugal, revisitando as conquistas e derrotas dessa pátria, até chegar às Revoluções Industriais, fatos que contribuíram para a perda de identidade explorada mais adiante. Em seguida, discorre acerca da integração homem e natureza vivenciada na Antiguidade, possível pela intensa vivência dos seres humanos com os deuses. Destaca o característico politeísmo pagão, substituído, na Idade Média, pelo monoteísmo. Nesta época, a Igreja Católica foi o centro das propagações de ideias e pensamentos que ficaram marcados no imaginário do povo, de modo que ainda hoje encontram-se fortemente arraigados muitos elementos da *mentalidade* dessa época. Ilustrando tal fato, Elizabeth Dias Martins cita Le Goff, para comentar que a noção de cidade por nós conhecida hoje, e vista como uma construção tão moderna, trata-se, na realidade, de um *resíduo* da sociedade medieval. Sendo este apenas um dos exemplos encontráveis no mundo moderno. Sobre a Renascença, a autora relembra a ascensão do homem que se coloca no centro da História. À vista disso, a fé cristã, antes forte e onipotente, passa a declinar substancialmente. E isso,

² A Teoria da Residualidade parte da ideia de que na Literatura e na Cultura nada é original, tudo é residual.

claro, passa a afetar o próprio equilíbrio humano. Na Idade Moderna, o desequilíbrio se agrava, resultado de um processo que aconteceu ao longo dos séculos, fruto do indômito avanço da ciência e da tecnologia. Martins discorre a respeito da mudança de valores nos novos tempos. Surgem diferentes hábitos referentes ao trabalho e ao lazer em decorrência da funcionalidade da “máquina”. São mudanças de mentalidade que influenciam na origem das “angústias do artista moderno”. Quanto mais rápidas essas mudanças ocorrem, mais angústias e mais fragmentações no processo de construção de identidade afloram.

No capítulo intitulado “Intrasubjetividade [sic] e Intersubjetividade: as vias do conhecimento”, a autora parte da obra *Nome de guerra*, de Almada Negreiros, para explicar o caminho da autognose. A ideia foi analisar a autonomia do personagem Antunes, protagonista do romance. Logo no início desse capítulo, Elizabeth Dias Martins destacou aspectos relevantes acerca da relação do “eu” com o mundo, partindo da própria concepção da criação artística. Para a construção de uma autoridade pessoal, faz-se necessário ver o mundo, relacionar-se com ele, interiorizar a realidade. A estudiosa afirma que, “na obra literária de Almada, essa concretização da essência do mundo se faz às vezes sob o registro poético ingênuo, embora eivado de teor filosófico; noutras, de maneira mordaz, irônica, frenética e mesmo irada” (p.75).

Em “O Tecido de Fragmentos é Igual à Unidade: uma leitura de *Nome de guerra*”, Martins inicia apresentando a estrutura da obra almadiana, dividindo-a em três segmentos: voz do narrador, excursos e narrativa principal. Em seguida, ela analisa tudo o que se refere ao paratexto da obra, ou seja, aquilo que está à margem do texto principal, mas que, nem por isso, deixa de ter significado imprescindível à compreensão da produção de Almada Negreiros em sua totalidade. E, finalmente, a autora traça um roteiro da autognose a partir das relações sociais do personagem Antunes, de *Nome de guerra*.

O último capítulo é conclusivo. Nele, a autora comenta sobre o prazer de percorrer a obra de Almada Negreiros e sobre a adequação do seu modo de abordagem. A unidade de que muito se falou nessa obra “dá-se em torno da composição de um roteiro, o qual tem nitidamente por objetivo conduzir os indivíduos ao conhecimento e à conquista da inteireza na modernidade”.

Os *resíduos* na obra do autor português são principalmente advindos da Antiguidade. Contudo, como bem frisou a ensaísta, observam-se traços mais recentes como barrocos e clássicos, também trabalhados ao longo da obra.

Do fragmento à unidade: a lição da gnose almadiana é uma das obras mais significativas que têm como base a Teoria da Residualidade. A autora conseguiu percorrer as estéticas literárias, sempre recuperando momentos históricos, para constatar os *resíduos* identificados na obra de Almada Negreiros, que se fez uno em meio a fragmentação da Modernidade.

Martins não apenas identificou esses *resíduos*, como os aprofundou e interligou diversos aspectos que compõem a obra e o próprio artista que a produziu. Partindo da versatilidade do autor de *Nome da guerra*, ela trouxe à luz discussões pertinentes e aprazíveis acerca da arte, do artista e do modo de criação. Isso faz com que, no final da leitura do referido ensaio, tenhamos um conhecimento mais aprofundado de Almada Negreiros, de sua obra, bem como da época em que viveu, das possíveis influências sofridas por ele, das concepções arraigadas no comportamento de seus personagens e da riqueza e amplitude de sua produção, que não é inferior às de seu grupo. Pelo contrário, *sui generis* em meio a um mundo que clamava e ainda clama por fragmentação.